

Entrevista realizada no dia 30 de junho no Assentamento Treze de Maio no município de Nova Venécia.

(Ana Miranda)

A entrevistada é assentada, filha de assentados e tem acompanhado o processo de organização do Assentamento Treze de Maio desde a sua formação. Atua como militante do MST e participa também dos projetos desenvolvidos pela CPT. Foi convidada para ser entrevistada em razão do tempo e intensidade em que tem participado da vida social no assentamento. O objetivo da entrevista era conversar sobre os aspectos envolvidos na organização da Festa da Cultura Camponesa.

Entrevistador: _ *Parabéns para todos vocês. A festa foi muito bonita e a gente gostaria de conversar sobre isto. Como começou a festa. Qual a idéia que motivou a organização da festa da cultura camponesa. Quais são os aprendizados que têm sido alcançados neste processo de onze anos de festas? A gente gostaria de conversar um pouco. Agora fique a vontade para contar um pouco desta história.*

Entrevistada:

Pois é. O Assentamento Treze de Maio é fruto de uma das maiores ocupações de terra do MST aqui do Estado. Em 1988 o MST juntou as famílias das periferias dos municípios do norte do Estado e realizou uma das maiores ocupações da época. Um movimento muito novo e que causou muitas expectativas. O Assentamento Treze de Maio é fruto desta ocupação que foi no município de Conceição da Barra.

E, desde que foi criado em 13 de maio de 1989, houve, assim, uma preocupação muito grande em relação à permanência na terra. E, por um período, trabalhou isto com muita intensidade. Mas, o foco maior era preocupado com a questão da produção da terra, porque a fazenda aqui trabalhava a pecuária extensiva.

Então, quando a área foi comprada pelo Governo do Estado para assentar estas famílias que estavam pressionando por terra para trabalhar, a área que virou assentamento era de um solo muito degradado. Para produzir era um desafio muito grande, tudo morro pelado, erosão. Então a degradação do solo era muito intensa. Havia esta preocupação maior para qualificar a produção e chegou a se constatar que havia certo descaso com a questão da vivência e da integração cultural. Não descaso, é que isto não era prioridade e isto trouxe várias conseqüências para as famílias.

Então era um lugar onde não tinha. Como dizer? Depois de um período de várias tentativas de melhorar a produção, de várias tentativas de organização que criou a cooperativa e a associação. E produziu muito, só que não satisfazia porque se trabalhava muito a monocultura do café. As famílias eram aparentemente tristes e não tinham nada de integração.

Quando se fazia uma festa. Só tinha. ... A maioria que vinha era os jovens. As famílias não tinham nenhum momento que envolvia todas as famílias participando. E aí, como a Comissão Pastoral da Terra participou desde o apoio à luta do MST. No dia da chegada à terra

junto às organizações, principalmente o Movimento, estava a Pastoral da Terra que ajudou a fazer uma caminhada pelo assentamento. Isto marcou muito a história do assentamento. Mas, ao mesmo tempo, ela deu uma recuada. Tinha o MST atuando.

No ano de 2000, é, havia uma preocupação de muitas famílias, porque o uso abusivo de agrotóxico. Tinha família que jogava veneno até nos arredores do poço de água. Então era muito tenso isto e já começava a expandir a discussão sobre a questão ambiental. De produzir sem veneno. Não se usava muito a palavra agroecologia. Era meio palavrão ainda. E, como a CPT via neste assentamento um espaço para animar, reativar a esperança das famílias e tudo. Um espaço onde as famílias viviam lutando para recuperar o solo etc. Aí trouxe para aqui o encontro de agroecologia no ano 2000.

Antes de realizar o encontro, como ela faz sempre um diagnóstico para ver a realidade. Foi constatado neste diagnóstico que as famílias viviam o que a gente chamou na época de saudade do passado. Saudades de coisas que elas faziam. O pessoal estava assim com uma baixa auto-estima. Porque as famílias não visitavam mais ninguém. Já tinha aumentado o número de televisões nos lares. ... Teve uma preocupação muito grande das famílias, porque parecia que solidariedade estava em extinção. Porque as famílias eram muito unidas e integradas e, ao mesmo tempo, chegou ao ponto da gente ver na região em algumas famílias falecer alguém e as famílias visitarem, mas não fazer conforme se faz, de passar a noite dando apoio, e a família velar o defunto, sozinha. Isto trouxe preocupações muito grandes.

E, neste diagnóstico as famílias desafiaram a CPT a contribuir. Disse para a CPT que, se fosse para contribuir, que contribuísse nesta questão. Que nós na época identificamos como trabalhar na linha cultural. Nem se chamava agroecologia. Aí a CPT trouxe em seguida o encontro de agroecologia. Na época, tinha este nome, mas as famílias não conseguiam nem mesmo falar direito este nome. Este encontro foi aqui mesmo na escola. Convidou todas as famílias assentadas. ... É um assentamento que tem certa disposição para participar. Este encontro discutiu a produção. Não estava planejado, mas saiu esta discussão da integração entre as famílias. O foco do encontro era discutir a produção sem... Nem se falava na erradicação do uso do veneno não, mas na diminuição. ...E diminuição das queimadas. Era uma prática para produzir, fazia muita queimada. No princípio muitas famílias meio que foram saindo porque não acreditaram muito. Como vou produzir sem? Que a terra está assim nesta situação. Tem que ter sempre muito veneno.

E saiu neste encontro esta discussão e desafiaram a CPT a trabalhar isto. A CPT trabalhava de tudo um pouco, mas nunca tinham pegado na frente assim. E aí, sem muita experiência, a CPT também desafiou as famílias a fazerem momentos assim. E neste desafio duplo, foi marcado um dia de vivência da cultura. Chamamos isto. Este dia foi no dia 22 de junho de 2002. ... Ai cada família meio tímida assim, preparou e foi estimulado. Lembra de uma dança? O que é que se comia? Traz prá cá. A gente motiva também. Preparei misticas, porque eu além de morar aqui, já contribuía tanto com o MST, quanto com a CPT.

E começou meio que motivar a gente nisto. Será que tem jeito? E meio tímido e ao mesmo tempo curioso, ao mesmo tempo inseguro. Ninguém sabia, claro, uma metodologia, um jeito. A CPT chegou a ser criticada, porque agora vai trabalhar a cultura. Como? Então foi marcado este dia. Na primeira vez as famílias preparam algumas apresentações. Olha, eu não

sei muita coisa. Eu sei pagar verso, mas verso é uma coisa muito antiga. O povo vai rir de mim. Mas vai rir por que? Aí a gente conversou assim, convidamos algumas famílias e falamos o que ia ser. Boa parte veio para observar que é este negócio. E os outros prepararam. Prepararam, vieram e apresentaram e foi muito bom.

No final houve uma avaliação. Aí deu nome aquilo ali que era a Festa da Cultura. Teve famílias que se emocionaram. E marcou já para o ano 2003. 2003 marcou para 2004. E as famílias ficaram assim com o desfaio de cada vez ir preparando. Resgatando o que elas sabem. O que pode fazer. Não no intuito de impor que tem de ser aquilo ali. A conversa que sempre se fazia. Mas de mostrar para as gerações atuais como que era a vida no campo. A vida no campo não foi sempre assim. Teve momento de muita dificuldade. Como que isto aparece nos versos. Como que as mulheres eram tratadas. Cada um ficou colocando seu versinho. Lembrando. E isto foi forjando também uma discussão voltada para a questão das relações de gênero. E a gente foi se enforçando nisto.

Aí também a partir daí fortaleceu a discussão da agroecologia. E que isto tinha a ver com a cultura. Porque o jeito de trabalhar a terra também é cultura. E as famílias foram se dando conta de uma coisa. Cultura não era só música, não era só dança. Era alimentação, era diálogo, era visita aos vizinhos. Enfim. As famílias foram assim, não sei se automaticamente, mas sem ninguém estar trabalhando assim, com conceitos elaborados do que é cultura, do que é agroecologia. Foi meio que tecendo este fio. Teve uma época que a gente trabalha várias dimensões desta questão cultural. Não tinha mais como fugir. Aí partiu para a juventude.

Este trabalho fez com que muitas famílias fossem se integrando. E a festa foi ganhando uma dimensão que as vezes a gente tem preocupações. Porque no começo. Ah, um fato interessante é que as famílias daqui começaram a falar para os parentes. Eu tenho um irmão que mora lá em Vitória, eu tenho um irmão que mora lá em linhares. Ah, se veem isto aqui, vão se emocionar. Olha, eu vou trazer ele. A gente não tinha como proibir... Aí outro dizia: eu posso trazer um compadre meu que mora lá na cidade e está meio acabrunhado? Pode trazer que ele vai gostar. Aí começou a trazer este povo e esta festa foi crescendo. Já houve festa de a gente ter quase mil pessoas neste pátio. E também pela própria natureza da festa que não tem a intenção de proibir. A entrada é franca e tudo foi ganhando conhecimento. A gente nunca preocupou em divulgar na mídia. Não temos este interesse. Cartaz. Das onze festas, apenas quatro ou cinco tiveram cartaz, porque a CPT resolveu fazer e tudo.

Como é que acontecia? As famílias preparavam as apresentações todas. Não tem limite, nem de idade, nem de... . Tem vez que tinha muitas e muitas apresentações. Prepara, senta junto, tem várias assembléias para programar o que vai ter. Definir. Definiu-se que toda a alimentação da festa tem que estar o máximo possível voltada para a questão da terra, agroecologia, da produção sem veneno. E as famílias começaram a disponibilizar numa capacidade muito grande de se organizar, de ser solidário. Já teve festas...

A gente não tem muito, o que a gente não tem muito cuidado é os registros. Temos vários textos que foram produzidos, peças de teatro. Mas, a gente na época não tinha nem máquina fotográfica. Nem desta fuleirinha mesmo não tinha. E a gente não tinha preocupação de registrar aquilo. E a gente dá conta hoje que já perdemos muitas coisas. Tem famílias que os jovens vão também saindo. Não participam tanto mais porque querem viver um outro tipo

de cultura. Ninguém é obrigado. Mas o que chama a atenção é que é a única atividade que envolve cem por cento das famílias.

Entrevistador: _ Isto é o que eu ia te perguntar. Quantas famílias estão envolvidas na Festa?

Entrevistada: _ Na festa? Cem por cento. Existem famílias de outras religiões que colaboram com a festa doando pratos. Assume de doar. Trabalham. Ajudam fazer algum artesanato. Só que preferem não se inserir em danças. Porque, segundo eles, não é muito característico das religiões deles. A gente também não obriga. E, algumas. A maioria vem. As que não vem, vem pelo menos os filhos. Então, assim, não podemos dizer que uma família que não contribuiu com a festa. Existem algumas que contribuem mais que as outras, por que já incorporou isto e se doa assim. Tem pessoas que trabalham mais de trinta dias para a festa. Tem famílias que, olha eu vou num mutirão. Vem cá um dia, trabalha e já contribui. Vou trazer no dia sete quilos de paçoca, ou não sei quantos bolos. É minha contribuição, não vou fazer mais. Então. Mas é a única atividade que, única assim, deste caráter, por ainda tem as assembléias que participam todas as famílias. E apesar de ter associações. Apesar não, porque é importante. Grupos de jovens, associações das famílias e tudo. Existe uma articulação geral do assentamento.

Entrevistador: _ A respeito da imagem do assentamento. Geralmente, sobretudo nos assentamentos mais antigos, quando são instalados tem-se aquela imagem negativa: são os sem terra, o pessoal é perigoso. Gostaria de saber se a festa para mudar esta imagem?

Entrevistada: _ Aqui não foi diferente. Quando o pessoal chegou prá aqui. As vilas, as pequenas propriedades, a grandes propriedade que tem na região tinham muito preconceito, tinham medo de sem terra. E o pessoal chegou prá aqui numa situação bem crítica. Porque é aquilo que a gente colocou. A terra não produzia. Não produzia porque só tinha gado antes. A questão das moradia era precária. Barracas ainda, porque no início as famílias passaram muitas necessidades. Então tudo que acontecia na região tinha a tendência de culpar as pessoas daqui. Havia um preconceito. Aí com o desenvolvimento da festa, estas famílias começaram a vir, a olhar de longe, se aproximar. E tem uma que já chegaram a perguntar. Em que eu posso contribuir? Eu posso vir no próximo ano? Vocês vão fazer todo ano assim? E começaram a participar. Hoje a gente não precisa convidar a região. Eles já sabem que todo último sábado de junho tem a festa. Eles já não agendam nada e vêm. Vem outras pessoas que não tem lá tanto interesse para a questão cultural. Hoje a gente percebe isto, que contribuiu muito para as pessoas verem com outros olhos. Tem pessoas que parabeniza, elogia. Não sei como vocês conseguem. Mas vocês não brigam? Como é que vocês conseguem organizar tanta gente? Tem gente que vem visitar os mutirões todo o sábado e domingo. De fazer artesanato. De fazer esteiras, peneiras, balaios, cestas, flores. Também tem uma diversidade de artesanato. Tem gente que vem ficar olhando assim. Outros. Então, assim, mudou muito e colaborou muito para as famílias.

E acredito que isto também conforme vocês viram ontem. É uma das festas da região onde todo mundo sabe que não dá briga. Tem família dos arredores que diz: eu não vou em tal lugar porque toda festa lá dá briga. Quando for aqui, eu vou lá na festa do assentamento, na Festa da Cultura, porque lá não dá briga. Então o pessoal, alguns que gostam de briga na região até diz assim: Nossa, aquele povo ali, voce está doido de arrumar uma briga ali? Aquele povo ali é unido. Não é lá uma união assim cem por cento. Mas o pessoal consegue articular

para fazer uma festa bonita. Tem pessoas que esforçam sem estar aguentando, mas quer ali dar a sua contribuição. Então isto é muito interessante. Hoje todo mundo viu. Os jovens já levantaram, já vem limpar, ajudar a desarrumar. Já chegou a sugerir que a festa dá muito trabalho prá ser um dia só. Mas não avançou a discussão também prá o outro dia não. Não sei. Quem sabe?

Entrevistador: _ Em termos de aprendizado. Você, militante histórica do movimento e que caminhou para o viés da cultura, que reflexão voce faz depois de anos militando no campo da cultura?

_ É até difícil encontrar assim, uma forma de traduzir. Porque, até numa festa, se eu não me engano a oitava, o lema foi “na vivência da cultura eternizamos nossa existência”. E a frase é do próprio grupo que criou e chegou a este entendimento. Então, a gente compreender, viver a cultura, fazer a cultura é também ser feito por ela. Isto traz, assim, traz uma riqueza que extrapola os limites, assim. A gente consegue trabalhar a questão da espiritualidade que, algumas vezes, em alguns momentos, há uma tentativa de negar isto. Na luta social, há uma dificuldade de visualizar esta questão da cultura, da espiritualidade, da subjetividade das pessoas e da própria vivência em grupo. E a gente aprende que mesmo fazendo a luta política, por mais radical que ela seja, é isto que move as pessoas. Porque as pessoas não é só matéria. E que a vida entra em movimento aí. Não tem como a gente desligar a luta política com a vivência cultural. Não tem como a gente trabalhar agroecologia, cuidar bem da plantinha. Quer trabalhar a questão das plantas companheiras, que contribui umas com as outras e não trabalhar com os companheiros, com as crianças. Trabalhar que a juventude precisa em algum momento. Ele lá pode não querer seguir a vida que o Seu João, a Dona Maria e Seu José viveram há décadas atrás. Não tem como voltar no passado. Mas ele, em algum momento, tirar para olhar prá essa história e ver a forma que o Seu João expressa isto. Isto enriquece muito, não só a vivência em grupos, mas a própria dinâmica da vida, creio eu.

Outro entrevistador (aluno): E a associação que vocês formaram aqui. Qual foi a importância dela para a continuidade da luta do assentamento?

Entrevistada: _ Olha. A associação é bem recente. As famílias não tinham necessidade de fazer uma associação. E já tinha que no assentamento que tem um histórico muito grande de cooperação uns com os outros. E a associação tem quatro ou três anos. A associação, principalmente a de agroecologia que foi criada recente, têm poucos anos. Ela veio como uma necessidade. Trouxemos o companheiro Zequina do MST, que tem uma experiência muito grande. Ele traz uma reflexão importante e acessível nesta questão da cooperação. Então ele veio. Quando iniciou a conversa de criar uma associação, trouxemos ele para ajudar a compreender se era mesmo necessário crias. Em que consiste uma associação e tal. E ele ajudou então o grupo a entender que o grupo já existia. E que o que hoje faz com que uma associação ela se desenvolve, não é associar-se a ela, mas a capacidade de cooperar. Nós podemos ser sócios e não ter cooperação. Então as famílias optaram a criar a associação por mecanismos muito mais externos. Como, por exemplo, acesso a projetos. A própria prefeitura tem uma dinâmica lá que atende prioritariamente as associações. Muito mais para buscar conquista coletivas e desenvolver estas outras dimensões. Mas os grupos sempre tiveram esta cooperação. Em algumas épocas, um pouco mais, em algumas épocas um pouco menos. Não é

assim linear, começou e só vai crescendo assim gradativamente. Tem momentos que tem dificuldade, o povo carece de formação, mas se reúne.

Depois que foi criada esta associação do trabalho com agroecologia, que as famílias foram desenvolvendo experiências e melhorando a qualidade de vida. Buscando qualidade de vida. Que isto é visível na vida das famílias. Na auto estima, na própria pertença a questão da terra, do assentamento. Eu dizia que a muito tempo, tinha pessoas que tinha vergonha de dizer que era do assentamento. Isto, hoje tem muito mais pessoas que tem orgulho de dizer que é daqui. Porque é um assentamento, até criticado por alguns outros grupos de outros assentamentos, de que aqui não tem produção em alta escala. Eu estava até comentando com as meninas ali que eu acho que o assentamento aqui é diferente. Ele não é melhor nem pior. Porque a associação foi criada com o intuito de se preocupar com a questão da comercialização também. Mas as famílias se ocupam pouco da comercialização, porque parece que não é prioridade. Porque, o que as famílias produzem para comercializar é o café. E o café você não comercializa na feira. Então vai e entrega para o atravessador. As outras coisas, as famílias parecem querer produzir para ter fartura e para dar, para doar. Então, o pessoal, tem vez que a gente sempre observa que vem grupos de fora, da cidade e eles falam: nós vamos lá buscar umas coisas e tem muitos parentes que visitam. E as famílias não tem miséria, quando doa para acampamento, doa para asilo, para hospitais. Tipo banana, batata, abóbora, laranja. Outro dia, o ano passada, fiquei até meio aborrecida porque meu pai tinha uma chácara grande de laranja. Ai vinha um rapaz que o pai dele mora aqui. Ele ia sempre pedir laranja. E o meu pai não ia lá. Vai lá e apanha a laranja. Ele vinha com o carrinho e levava um pampinha cheio de laranja. Nós fomos descobrir, ele estava vendendo na feira (risos). E meu pai: mas tem laranja demais e vai estragar mesmo. Então o coco. Coco, já passava muitas pessoas aqui procurando coco verde para comprar. Quanto que é o coco? Tem vez que dez centavos. Teve vez que o pessoal deu coco para o comprador de coco. “Ah, eu não vou tirar isto mesmo, então vocês podem apanhar”. Então as famílias são muito solidárias. Tem lugares que as pessoas criticam isto.

Agora o pessoal esta discutindo isto. Se está produzindo muita banana, bastante. Vamos começar a organizar a comercialização. Mas não conseguimos. Houve até uma tentativa este ano de entrar no PAA, na merenda escolar, mas quando agilizou a papelada e tudo chegou lá. Também tem a esperteza de outras associações que tem ligações políticas e tudo. Nós não temos padrinhos políticos. Não temos vinculação orgânica com nenhuma prefeitura. Então a gente que meio vai fazendo assim. Mas a gente está começando a se preocupar com isto agora. Não estraga porque os animais comem. Todo mundo tem galinha, a maioria tem um pouco de peixe, tem porco. Sobra de família e joga lá na roça. Porque voltou a ter muitos pastos. Muitos animais que não apareciam mais. Eu tenho esta avaliação e mais pessoas. Inclusive a Mercedes comentou muito isto, que é diferente. Não tem este negócio não. Ou vender. Não sei até que ponto isto é bom, não sei até que ponto. Mas o referênci disto que a gente percebe é a solidariedade. As famílias tem diferenças enormes de umas para outras, do jeito de trabalhar a terra, a relação interpessoal, mas são solidários. Muito.

Entrevistador: _ Então. Fale sobre a festa de ontem O que você achou?

Cada período da festa é um desafio. Cada festa parece que é a primeira. A ansiedade. Porque aquilo que a gente falou. Ela vai tomando uma dimensão que às vezes foge um pouco do controle. Na primeira festa nós não precisamos de som grande. Na segunda duas caixinhas resolveram. Na terceira, todo mundo reclamou que as apresentações foram lindas, mas ninguém ouviu nada. O espaço muito grande, não tinha som. E aí isto vai trazendo desafio. A festa acontece num período de intensa colheita do café. Todas as famílias tem café, ajuda os outros a colher e colhe café para os proprietário e meeiros da região. É muito difícil, o pessoal trabalha assim de segunda a segunda. E aí fica só o final de semana para preparar a festa. Quando começa a chegar no final, aí emenda a semana.

Esta não foi diferente. Cada festa a gente vê mais família. É um processo. Tem famílias que afasta um pouco mais. Tem famílias que vem e se insere. E a de ontem eu creio que é como as outras. A gente sempre diz: cada festa é única. Então as famílias ficam assim apreensivas. Foi interessante a questão da alimentação. Deu muita gente. Foi surpreendente. E as famílias começaram a ficar nervosas com a quantidade de alimentos. Com medo de não dar. Aí falaram assim: mas nós vamos passar vergonha, porque a comida não vai dar. Nós vamos passar vergonha. Mas se não der a janta, tem muito bolo, biscoito doce...Não. Mas já pensou se alguém sair sem jantar.

Acho que foi interessante. Agora, uma avaliação...é que agente passa uma semana assim, meio que. Cada um depois, sábado que vem que está previsto, a gente vai ver se confirma. A coordenação vai se reunir. As famílias vão reunir para avaliar a festa. Prestar contas. Como foi E aí já faz uma confraternização de novo. Tudo aqui é festa. E aí a gente vai ter uma avaliação mais precisa. Mas em termos de participação, surpreendeu. Tinha gente de mais de 17 municípios e mais de 8 assentamentos. É claro que não tinha caravana inteiras. Tinha de vários lugares. Dois carros, três carros, uma van. E graças a deus a comida deu prá todo mundo. Sobrou muita comida. E depois a avaliação da festa é mais no coletivo. Todo mundo dá conta de pegar todos os focos. Mas valeu a pena, valeu mais uma vez o esforço.

Entrevistador: _ Mais uma vez parabéns pela organização da festa. Obrigada pelo convite de poder participar e a gente espera poder participar de outras festas também.

Entrevistada: _ Nós esperamos também. A gente é que agradece. Que a gente tem este desafio de continuar avaliando. Cada ano vai discutindo. Tem pessoas que acha que a festa tinha de ser de dia. Tem pessoas que acha que a festa não devia ter cantor, banda tocando. Viu o rapaz do som, é o rapaz que depois canta um pouquinho. Mas é assim, prá festas nunca teve brigas. Tem várias discussões. Um propõe: será que assim não é melhor? Mas a gente não tem muita formalidade de ficar mandando convite, porque é da própria natureza da festa. Quem vier é bem vindo. A gente ficou muito satisfeito de vocês virem. O pessoal fica. A gente percebe que o pessoal fica assim satisfeito que vem gente de fora. Porque eles dizem assim: se não vier gente de fora, a gente apresenta assim mesmo. Mas nós vamos apresentar. Então, tipo assim, eles ficam contentes. E a maioria do público que vem não cem por cento, acha bonito e valoriza esta questão da vivência cultura que é um desafio hoje.